

O MASSAGISTA

Júlio B.



O Massagista

(Júlio B.)

I. O Enxadrista

Não havia no mundo alguém que jogasse xadrez melhor do que Seu Tomé, diziam os conhecidos. Não era conhecido oponente que o tivesse vencido. Nem mesmo empatado (embora os conhecidos de Seu Tomé não soubessem que uma partida de xadrez pudesse terminar em empate). Mas não era seu estilo robusto e agressivo, nem suas habilidades táticas, muito menos seu amplo conhecimento de jogadas clássicas que despertavam tamanha admiração. Era a dificuldade extra que lhe era imposta no jogo por ser cego.

Dentre as histórias de infância que contava em toda ocasião de ter um novo ouvinte, sua preferida era a de como perdera a visão. E, sendo cego, não via o tédio que os mais jovens descaravam quando ele começava a ladainha. Sua mãe bem que avisou que o cavalo era bravo. Peão nenhum nas redondezas tinha obtido êxito na missão de domá-lo. Mas o pequeno Tomé era aventureiro por natureza. Quando os outros não conseguiam, aí é que ele ficava instigado. Mas Corsel, o cavalo, estava com o capeta no corpo aquele dia. Jogou o menino a metros de altura, rumo a uma queda monumental, e também um descolamento de retina, o que lhe rendeu uma cegueira irreversível. E, sentindo-se culpado por ter desobedecido à mãe, ele nunca disse na vida uma palavra de lamentação por tal castigo.

Sua fama como enxadrista já ia tão longe que seu personal trainer o inscreveu no torneio de xadrez promovido pelos alunos da faculdade de matemática da federal. O velho hesitou, disse que não precisava desse tipo de exibicionismo, que jogava por prazer, e apenas por, mas no dia de sua primeira partida, ninguém nunca o viu tão alinhado, tão elegante, e até perfumado. Ganhou tão facilmente que era como se do outro lado do tabuleiro nem houvesse um adolescente nerd, de óculos fundo-de-garrafa e tudo, um menino prodígio, apontado inicialmente como favorito do torneio. Desde então, Seu Tomé se transformou na sensação do torneio. E virou notícia na cidade toda. Até a TV local veio fazer uma matéria com ele. Um exemplo de superação. O enxadrista cego.

Usava a notação algébrica do xadrez pra se comunicar com seu personal trainer, que era o responsável por mover suas peças, e depois lhe comunicar a jogada dos adversários, que nem sempre sabiam tal notação. Era do tipo perfeccionista, que procurava sempre evitar as incertezas. Invariavelmente, abria com 1.e4. E jogava aberto, em posições clássicas.

Já nas semi-finais, havia uma multidão de curiosos assistindo à vitória demorada de Seu Tomé. Houve até uma ola da torcida quando ele disse “xeque-mate”. Teve criancinha indo pegar autógrafo, apertos de mãos entusiasmados, outros invejosos, e muito bafafá. Muitos comentavam o quanto o velho era inteligente por ser capaz de guardar a configuração do tabuleiro na cabeça. Como ele não esquecia? Era tanta peça!

Maurício, o personal trainer, já dava por certa a vitória de Seu Tomé no torneio. Tinha até uma explicação elaborada para a superioridade dele nesse esporte de tabuleiro. Como perdera a visão, que é o sentido que mais consome processamento do cérebro, ele ficou então com muito

processamento livre pra aplicar durante o jogo. E Maurício podia dar uma longa lista de cegos que superdesenvolveram alguma outra capacidade. Os melhores massagistas do mundo são cegos, ele sempre dizia. E afirmava ser Seu Tomé um superjogador de xadrez. Ninguém no mundo poderia vencê-lo. Na manhã seguinte, conquistaria aquele torneio pequeno. O primeiro. Depois, inscreveria o amigo em torneios maiores. Estaduais, nacionais, mundiais. Até que Seu Tomé fosse o melhor enxadrista do mundo. Parecia tão óbvio.

Na manhã seguinte, a platéia ficou decepcionada quando o ceguinho perdeu a partida final para um professor da própria universidade. Só podia ser marmelada, muitos disseram. Maurício, por outro lado, ficou mais do que indignado. Só podia ter acontecido uma fraude. O adversário devia ter tirado proveito da deficiência visual de Seu Tomé, e do fato dele, Maurício, não entender tanto assim de xadrez. Pediu revanche. Melhor de três! Era justo que a final fosse melhor de três! O próprio derrotado – conformado – tentou dissuadi-lo, mas não havia como. Queria recontagem dos votos, revisão das provas, recurso contra o veredicto. Mas o troféu ficou mesmo foi com o professor de exatas.

II. O Alfaiate

O pai de Maurício era um grande saudosista. À moda antiga. E linha dura. O que foi um empecilho pra metade das coisas que seu filho quis fazer na juventude (o que não é nenhuma novidade na vida de um jovem). Mas não era má pessoa. Só gostava das coisas como eram antes. E um pouco amargo, porque sabia que elas nunca mais o seriam. Não gostava de televisão. Ele se informava pelo rádio. Essas músicas modernas, isso era baderna! Colocava um vinil da Doris Day pra tocar na velha vitrola e pensava que essa mocidade não sabia o que era bom. Não fazia compras em supermercado. Não comprava roupas em boutique. Enchia o peito de orgulho quando saía do alfaiate com um fraque novo. Até em seu velório, o terno que trajou pra ser devorado pela terra foi feito sob medida! E morreu achando que na ditadura é que esse país era bom! O mundo tinha perdido a decência, a moral. Mas morreu, e o mundo continuou normalmente sem ele, sem saudosismo algum.

Mas Maurício, pra não dizer que não puxou nada do pai, lembrava com nostalgia das visitas que fazia com ele ao velho alfaiate. Não pela companhia, não pelo proprietário, mas sim pelo estabelecimento. Sem esforço algum, Maurício podia recriar em sua mente o cheiro do lugar. Aquele cheiro de tecido cortado, de retalhos jogados, de paletós inacabados. Todas aquelas agulhas em almofadinhas, e fitas métricas, e tesouras. E as abotoaduras! Ah, as abotoaduras! Quando criança, ele certamente deixaria de ir a um parque de diversões pra ir a uma alfaiataria. Aquele ambiente o fascinava de alguma maneira entorpecente que ele nunca soube explicar. Poderia passar horas a cabo assistindo às agulhas deixando seus rastros de linhas nas costuras, ou ouvindo o inconfundível som da tesoura abrindo caminho na imensidão de uma cambraia. E satisfeito da vida.

III. O Fisioterapeuta

Na inocência de criança, Maurício disse ao pai que queria ser alfaiate quando crescesse. O pai sorriu, talvez por ter achado engraçado, e disse ao filho que não, que ele seria um grande

engenheiro, ou advogado, quem sabe um doutor? E que ganharia muito dinheiro e teria uma vida muito boa. O pai morreu, e o filho se formou em fisioterapia. Arrumou um emprego, comprou um carro, uma casa, casou-se, teve filhos. Talvez o pai se orgulhasse dele, mesmo não tendo sido um engenheiro.

E, pra não dizer que puxara muito ao pai, Maurício gostava de se modernizar. Quando percebeu que a onda dos personal trainers ia pegar no Brasil, e que isso dava mais grana que seu emprego fixo, decidiu dar fim àquela vida de consultório. E ostentava uma certeza arrogante de ter feito uma boa troca sempre que corria pela praia com algum aluno, longe de qualquer parede. E passou a ter mais tempo pra sua família, a patroa, o casal de filhinhos, muito embora usasse esse tempo pra ficar sozinho. Era uma vida boa, não havia do que reclamar. Então se esqueceu do fascínio pela alfaiataria. Ainda mais porque agora era a esposa quem lhe comprava roupas, em algumas dessas grandes lojas de moda.

O aluno de quem mais gostava, sem a mínima sombra de dúvidas, era Seu Tomé. Por tudo, a dedicação exemplar, a superação de limites impostos a um deficiente visual, as longas conversas que tinham, os pagamentos sempre em dia (e o fisioterapeuta não cobrava barato). Mas realmente se apegara ao velho. Não seria mentira dizer que projetava nele alguma figura paterna, muito embora Seu Tomé fosse mais complacente e mente aberta que seu falecido pai.

E era um absurdo Seu Tomé não ter vencido aquele torneio de xadrez! Maurício não engoliu aquela história! Sentia que tinha coelho naquele mato! Quem era aquele professorzinho metido? Nunca vira homem mais arrogante na vida! Com aquele sorrisinho inabalável, deixando a entender que sabia o tempo todo o que estava fazendo, como se Seu Tomé, ou nenhuma outra pessoa do mundo, fosse capaz de lhe surpreender! Quando o jogo acabou, nem se alterou, nem comemorou, como se soubesse de longa antecedência que ia ganhar aquele torneio de merda! Esnobe de uma figa! E o fisioterapeuta decidiu que ia tirar aquela história a limpo.

IV. O Professor

Maurício só precisou acessar na internet a página da universidade, do departamento de exatas, do professor Iran. Estava tudo ali. Pelo menos, as informações desnecessárias. Formado pela universidade tal, com pós-graduação na universidade tal, e todas aquelas baboseiras. Dava aulas de cálculo isso, cálculo aquilo, e não podia haver na internet duas páginas mais chatas que aquela.

E o inconformismo impetuoso de Maurício foi desbotando, e teria até esquecido do tal professor, não fosse pela estranheza do que flagrara na praia um dia desses. Estava com a aluna de sábado, e enquanto ela fazia o alongamento, ele olhava distraidamente pra cidade em movimento, quase uma vida própria. A sincronia dos semáforos, dos carros e dos pivetes malabaristas. Os cartazes de desaparecido do menino Galvão Brasil. Estavam por todo lugar, poluindo visualmente a cidade com aquele sorriso de menino perdido. Os carroceiros fuçando os lixos, amassando as latinhas. Os motoqueiros ameaçando sair em disparada ainda no sinal vermelho, amedrontando os pedestres. O professor Iran tocando o interfone de um prédio. O professor Iran? Que mundo pequeno, não? Santa Cecília é mesmo um ovo.

Maurício chegou a fantasiar que a maleta pendurada transversalmente no corpo do professor estava cheia de dinheiro, e que este estava tentando falar com algum organizador de torneios de xadrez. Mas seu senso de realidade o trouxe de volta à aula, e deu mais alguns exercícios de alongamento à aluna. Mas não resistiu e voltou-se de novo para o prédio onde o professor ainda estava plantado diante do interfone. Bem nessa hora, o campeão do torneio de xadrez desistiu de chamar seja lá quem fosse, e pôs-se a andar.

E foi esse o ponto crucial. Se Iran tivesse ido embora, Maurício ia concluir que ele apenas tentara visitar um amigo numa manhã de sábado, mas o cara não estava em casa. E, então, o personal trainer voltaria pra sua aula, pra sua vida, e esqueceria o professor de uma vez. Mas, não! Iran não foi embora. Andou até o prédio seguinte e pôs-se a tocar o interfone de lá. Será que ele tinha amigos em todos os prédios da orla?, pensou Maurício. Certamente que não. Mesmo porque depois de muito chamar no outro prédio, o professor foi ter com o porteiro de um prédio da outra quadra. E seguiu assim, nessa estranha tarefa, até que dobrou a rua. Mas ainda dava pra vê-lo tocando a campainha de uma casa perto da esquina. O que ele estava fazendo? Por que um cara que trabalhou de segunda a sexta iria passar sua manhã de sábado tocando interfone de porta em porta? Maurício sabia que tinha algo de errado com aquele cara, ah, ele sempre soube!

V. O Detetive

O fisioterapeuta fez a cabeça de Seu Tomé pra entrar em contato com o adversário da final do torneio de xadrez, pra marcar uma nova partida entre eles. O velho hesitou, mas consentiu, e delegou a tarefa. No e-mail enviado, Maurício arquitetou um estratagema pra conseguir que a visita fosse à casa do professor. Endereço passado, visita marcada, e Maurício conduziu Seu Tomé até lá. Longe pra cacete! Mas faria qualquer esforço por sua nova fixação: descobrir o segredo do professor Iran.

Durante a visita, enquanto os outros dois falavam sobre assuntos chatos, tomavam vinho caro, comiam petiscos gordurosos, e jogavam uma partida de xadrez, a pergunta sobre o que professor fazia naquela manhã de sábado ficou presa na garganta do personal trainer. Teve ímpetos de fazê-la assim, na cara dura. Mas se conteve. Sentia-se em uma partida de xadrez, e não queria colocar o oponente em xeque, assim, logo de início.

Maurício entrou mudo e saiu calado. Mas processou bem as informações coletadas das conversas que ouviu. Iran era solteiro, botafoguense, fã da Audrey Hepburn, do Johnny Depp, do Ney Matogrosso. Colecionava superfluidades, e parecia que quanto mais inúteis melhor. Preferia a pizza dormida, a picanha mal passada, o café com açúcar, achava o jogo de truço mais difícil do que o de xadrez. Nesse ponto a discussão acalorou-se: Seu Tomé protestou de imediato. Mas o professor, de fala mansa, explicou suas idéias:

- Não encare desse modo, Seu Tomé. O xadrez não é nenhuma divindade, é só um jogo. Um jogo-da-velha com muito mais opções de jogadas. Sabe, dentre as nove casas do jogo-da-velha, você pode rapidamente elaborar um algoritmo que faça o jogo sempre terminar empatado, independentemente de quem comece jogando, ou da estratégia do seu adversário. Se ele marcar o "X" aqui, marque o "0" acolá, e não tem erro! No xadrez, seria a mesma coisa, não fosse pela complexidade exponencial desse algoritmo. Como o número de jogadas possíveis no xadrez é

muito grande, o problema se torna intratável. E, então, diz-se que o xadrez é um jogo difícil. Mas não é por aí. Embora intratável, o problema ainda é puramente matemático. Tudo o que seu adversário faz está ali, as variáveis estão sempre expostas no tabuleiro. O problema é a capacidade de processá-las. Mas você sabe com o que está lidando. Já o truco é um jogo mais analítico. Psicológico, eu arriscaria dizer. Não estou falando do funcionamento simplório do confronto de cartas, de quem mata quem, ou das probabilidades do adversário estar ou não com uma carta maior do que a sua. Mas de perceber se ele é do tipo que só truca com cartas boas, ou se é do tipo que corre sempre, ou, mais ainda, falo da esperteza de tentar persuadi-lo – com o olhar, com o volume da voz, com as palavras ditas, com os gestos feitos, com o que for – persuadi-lo a aceitar ou correr de um truco quando você tem a maior das cartas, ou cartas ruins. Pra simplificar o que quero dizer, como saber se o adversário está blefando ou não? É impossível tomar alguma decisão de forma algorítmica. Alguns alunos já argumentaram que no futuro será possível reconhecer tais padrões faciais, gestuais, corporais, assim como hoje já conseguem distinguir padrões na voz de quem está mentindo. Mas não, não. Eu não acredito. Ainda não existe ciência que identifica a dissimulação humana.

Iran venceu o imbatível Seu Tomé mais uma vez. É, talvez ele fosse realmente bom, Maurício pensou. Mas agora queria investigá-lo de qualquer maneira. Era um cara estranho demais pra não ser investigado. Ou seja lá por que fosse! Por que Maurício precisava sempre se justificar de seus interesses? Queria investigá-lo, e pronto.

Remarcou pro meio de semana as aulas de sua aluna de sábado, só pra poder passar os fins de semana inteiros na cola de Iran. Também, passá-los com a família era sempre uma chatice. Motivador era quebrar a rotina. E excitante aquela brincadeira de detetive.

Mal dormiu na noite de sexta pra sábado, de tanta ansiedade. Sua esposa bem que estranhou, mas insônia era uma justificativa aceitável demais pra ela perguntar duas vezes o que havia com ele. Cinco e meia da manhã e Maurício já estava de guarda, com o carro estacionado a alguns metros da casa de Iran. Iria atrás dele nem que fosse no inferno. E descobriria por que ele tanto tocava interfonos por aí. Seis horas, sete, oito, nove, e nada. Vida de detetive pode ser bem chata também. Dormiu no volante, literalmente. Acordou quando tocou a buzina com o peso da cabeça. Ficou preocupado, mas logo viu que o carro do professor continuava na garagem. Será que ele não ia sair pra fazer suas coisas estranhas justo naquele dia? Será que a outra vez foi um caso isolado? Ou Iran teria saído a pé, enquanto Maurício dormia?

Já era mais de dez da manhã quando o professor saiu de casa, com sua maleta de alça transversal, e entrou no carro. Saiu no sentido contrário ao que o fisioterapeuta estava estacionado, o que obrigou este a executar rapidamente uma manobra difícil para segui-lo. Sentido centro. Mas parou antes, num bairro residencial. Deixou o carro numa sombra e começou, sob o sol de verão, a ir de porta em porta, com sua maleta, sua cara de sono, suas intenções estranhas. Mais parecia um vendedor ambulante. Mas o que venderia? O que haveria naquela maleta? Maurício ia parando o carro de quadra em quadra, sem se preocupar com o resto do mundo, apenas focado em não perder o professor de vista. Quando alguém finalmente quisesse comprar o produto da maleta, ele queria estar perto o suficiente para ver o que era. Mas a única coisa que ele temia, aconteceu. Quando alguém finalmente pareceu se interessar pela oferta do ambulante, acabou por

convidá-lo a entrar, e fizeram a transação longe dos olhos do detetive de plantão. E que transação longa! Demoraram mais de uma hora. Será que tinha de demonstrar tanto assim o produto?

E foi a mesma coisa pelo resto do dia. Iran indo de porta em porta oferecendo sua mercadoria, e sempre que alguém aceitava, a maleta só era aberta entre quatro paredes. Por que tanto sigilo? Só podia ser alguma coisa ilegal. Isso explicava por que o professor não abria uma loja pra vender seus bagulhos. Será que era droga?

E foi a mesma coisa no domingo. E no outro fim de semana. E no outro. Às vezes, em bairros bons. Às vezes, em bairros não tão bons. Em todos, o ambulante de porta em porta, os cartazes do menino Brasil, pobrezinho, desaparecido há tanto tempo! E também no centro, na orla, em prédios, condomínios fechados, até mansões. Só mudava o lugar, não o método. E Maurício não sabia o que fazer pra descobrir que raios de coisa era aquela que Iran vendia! Era consumido dia e noite por essa dúvida. Dilacerado pela curiosidade. Parecia que nada mais no mundo teria graça sem a revelação de tal mistério.

Mas ele não sabia que peça do seu tabuleiro mover para dar um xeque-mate em Iran. O xeque simples mais óbvio seria se aproximar o bastante pra ouvir o que ele dizia aos clientes, mas era arriscado demais. E Iran poderia descobrir que havia alguém o seguindo. Se é que já não achava estranho o mesmo carro cinza em toda rua que ia. Ah, mas todo mundo tem carro cinza. Pensou em contratar moleques de rua pra roubarem a maleta, mas o assalto poderia ser mal-sucedido, e o professor ia ficar muito mais alerta depois disso. Pensou também em atropelá-lo, e quando fosse socorrê-lo, daria um jeito de abrir a maleta. Mas vai que acontece algo mais sério? Vai que ele morre? E Maurício estava ficando paranóico. Que tipo de coisa Iran vendia de porta em porta, todo fim de semana e feriado?

VI. A Dentista

Jordana, a esposa de Maurício, bem que gostou quando começaram os estranhos sumiços do marido. Concluiu logo que ele deveria ter uma amante. O que lhe aliviava a consciência, já que ela também tinha um. E, desde os sumiços, ela nem precisou mais se incomodar em inventar desculpas pra se encontrar com seu ex-cliente – agora, amante. E pensar que tudo começou num doloroso tratamento de canal! Jordana acreditava que da dor nascia o prazer. Lera isso num livro. Mas o marido era muito bundão pra esse tipo de coisa.

Sua melhor amiga compreendia sem maiores problemas éticos os motivos que a levava a ter um amante. E também que mantivesse um casamento de aparências. As crianças, a divisão dos bens, essas coisas todas. Mas quando ficou sabendo que ele tinha outra, aí tudo mudou de figura! Homem não presta mesmo! E então aconselhou imediatamente a dentista a pedir o divórcio. Aquilo não era mais casamento. E a dentista argumentou que não era casamento há muito tempo.

Sua clínica odontológica não constava na lista das melhores de Santa Cecília, mas Jordana conseguiria manter um bom padrão de vida separada do marido. Não precisava dele pra nada, mas se acostumara àquele casamento empoeirado na estante. A um marido de quem não gostava. A uma profissão de que não gostava. A amigas que não suportava. Aos filhos que só queriam saber de gastar sua grana. A um amante não menos interesseiro. Às suas fantasias semi-realizadas. À sua rotina e vida social vistas de fora como normais. A si mesma, em sua apatia.

O marido saiu com o carro logo pela manhã, num domingo de chuva fina. Nem esperou que ela acordasse pra fazer o café. Mas era só mais um domingo vazio, e ela saiu pra comprar cigarros. Não tinha da sua marca habitual, e ela se conformou com a que tinha. E com as gotas geladas da chuva fina.

VII. O Radialista

A vida de Maurício já não faria mais sentido sem a perseguição ao professor. A vida nunca fez muito sentido pra ele, mas agora era diferente. Era um impulso que ele não sabia de onde vinha, e que não conseguia classificar em seu catálogo de sensações. Mas qualquer inquietação era esquecida enquanto estava na cola do estranho ambulante. Estava viciado naquilo, como um dependente químico.

Aproveitava o tempo que passava com Seu Tomé fantasiando estar realmente em uma partida de xadrez. Queria que o velho lhe ajudasse a entender o jogo do adversário, e que lhe desse dicas de como vencê-lo. Queria se sentir a agente Clarice Starling e que Seu Tomé agisse como o Hannibal Lecter, indicando as direções a serem seguidas, dando pistas em código, conselhos indiretos, sempre de um ponto de observação superior, e então Maurício seria capaz de pegar o psicopata à solta pelas ruas de Santa Cecília.

Mas Seu Tomé nem dava bola pra isso. Não gostava muito de Iran, aquele professorzinho metido. Sempre cortava o personal trainer quando este tocava no assunto. Seu Tomé gostava de falar é da música sertaneja de raiz. Viola caipira das antigas. Não esses sertanejos novos, que ele achava desvirtuados. Raramente tocava algum artista recente em seu programa matinal na rádio. E, quando o fazia, era algum que rebuscava a memória da verdadeira música sertaneja.

Seu Tomé era chamado pelos colegas da rádio de enciclopédia caipira. Ninguém por lá conhecia quem soubesse do assunto mais do que ele. Não era bom só no xadrez. Não, não. Se a música sertaneja de raiz tivesse seu merecido valor no país, certamente ele seria uma celebridade, gostava de dizer. Mas o primeiro autógrafo que dera foi depois de aparecer na TV, como o enxadrista cego. No entanto, fazia questão de frisar que, antes de tudo, era um radialista.

E Maurício tanto insistiu que o velho acabou se pronunciando sobre as estranhas ações de Iran, que lhe eram quase todas narradas.

- O problema de vocês é poder ver as coisas, mas não conseguir enxergar nelas o que importa. O que ele faz do tempo livre dele, é da conta dele. E essa besteira toda de perseguição, isso é da sua conta. Mas, já que quer a minha opinião, meu jovem, vou te dizer o que acho. Eu penso em vocês dois e me vem à cabeça a imagem de dois homens tristes. Essa é a verdade. Dois homens tristes, sem algo mais divertido pra fazerem nos fins de semana. E tristes porque são solitários. Ele se faz de independente, de auto-suficiente, gosta de esbanjar os conhecimentos que tem, com suas teorias tolas, mas no fundo só faz isso por solidão. E você, apesar de ter uma família e amigos, é tão solitário quanto. Eu sinto isso de longe. E, pra mim, toda essa brincadeira de gato e rato de vocês é uma forma de procurar preencher o que lhes falta.

Maurício já era acostumado ao tom moralista dos discursos do radialista, que estava ficando cada vez mais dono da verdade com a velhice. Os velhos sempre acham que já viram demais do mundo. E o fisioterapeuta abriu mão então de jogar com sua velha torre. Não era a

única peça que tinha no tabuleiro. Acabaria por encontrar alguma outra maneira de conduzir aquela partida adiante. Afinal de contas, podia ver os movimentos do adversário. Só precisava processá-los da maneira correta.

VIII. O Garoto de Programa

Maurício admitiu pra si mesmo que nem havia imaginado que poderia dar um xeque-mate de modo tão fácil. Demorado, mas fácil. Nem precisou fazer nada, a sorte se encarregou de tudo. Bem, numa cidade que é um ovo, mais cedo ou mais tarde aquilo aconteceria. Como ele não pensou nisso antes? Iran vendeu sua mercadoria pra alguém que ele conhecia.

Sydney. Um garotão de vinte e poucos anos. Apaixonado por plantas, por flores, por jardins. Mas só os do seu quintal mesmo. Não fazia nada da vida. Nunca quis ser paisagista, nem biólogo, nem jardineiro, nem nenhuma profissão institucionalizada que tivesse um pouco – ou muito – a ver com suas paixões. Cuidar de plantas era o que mais gostava de fazer no mundo. E não venderia isso por dinheiro nenhum. Se trabalhasse numa estufa, mesmo que só cuidando de plantas, ainda assim se sentiria como um prostituto. E ele acreditava em seus ideais. Mas precisava de grana pra comer, pagar o aluguel, as contas, e como não fazia nada da vida, ele se prostituía no sentido literal da palavra. Preferia vender serviços sexuais a vender serviços de jardinagem!

E não deixava que ninguém o rebaixasse por conseguir grana dessa forma. Dizia pra qualquer um que tentasse que ele era um prestador de serviços como outro qualquer. Como um dentista, ou um DJ. Em suas teorias elaboradas, dizia que o preconceito nesse caso estava no mito em volta do sexo. No tabu. Como se o sexo fosse sagrado, e, logo, uma profanação fazê-lo por dinheiro. Um dentista faz uma obturação por dinheiro, e todo mundo acha bonito. É porque não consideram a obturação como uma coisa sagrada. Um dia um cara retrucou que era porque o sexo dá prazer, e a obturação, o contrário. Sydney tentou explicar que estava falando por analogias, e aqueles eram apenas exemplos. Falava sobre a venda de tempo e de serviços, mas o cara não entendeu. Só deu o braço a torcer quando Sydney substituiu o dentista do exemplo por um massagista. Massagens e sexo dão prazer, envolvem o corpo, etc., mas a sociedade vê de modo mais decente quem vende os serviços de massagem do que quem vende os serviços de sexo.

Mas, pra Maurício, que não se interessava nem um pouco por todas essas filosofias, o importante era que ele conhecia Sydney. E, então, aquele garoto de programa era a chave que desvendaria todo o mistério envolvendo Iran. Era o peão que daria o xeque-mate. A menos que Iran tivesse ido lá por outro motivo. Bem, o professor era um cara de meia idade, solteiro, certamente devia ser viado, pensou Maurício. Então, não seria nenhuma surpresa se ele tivesse ido lá como cliente de Sydney, e não como vendedor. Mas ainda assim o garoto poderia saber o conteúdo da maleta.

Foi difícil esperar os cinqüenta e sete minutos que Iran ficou lá dentro. Quando saiu, Maurício já ia ligando o carro por força do hábito para segui-lo. Mas a era das perseguições chegaria ao fim em poucos minutos. Pelo menos, era no que Maurício apostava todas as fichas. Suas pernas tremiam como as de um garoto tímido antes de subir ao palco pra recitar um poema extenso e cheio de palavras difíceis. Aquele maldito Iran não virava logo a esquina pra ele descer do carro e ir falar com Sydney.

- Eu não falei pra ligar sempre antes de vir aqui? E se eu estivesse atendendo outro cara? Caralho! Vocês acham que a gente está sempre por conta de vocês!

Na primeira vez que saiu com ele, Maurício disse que não era viado, que só queria saber como era transar com um cara, por curiosidade. Nas outras, a desculpa era que Sydney fazia na cama tudo o que sua esposa não fazia. Mas, desta vez, o procurava por um motivo que transcendia tudo aquilo! E foi até sincero.

- Calma! Só quero te fazer uma pergunta: o que aquele cara que acabou de sair te vendeu?

- Quem, o massagista?

IX. O Modelo

Iran acordou mais tarde naquele sábado. Tinha ficado até tarde da noite corrigindo uns trabalhos que tinha de lançar nota na segunda. Estava pregado. Mas ainda assim sairia pra fazer umas massagens. Isso era maior do que qualquer cansaço. Certamente o filho de sua médica ia querer uma naquele dia. Ele era modelo e vivia viajando. E adorava uma massagem depois de voltar de uma viagem, Iran sabia bem. Tinha acabado de voltar da Argentina, a mãe contou, numa dessas conversas de elevador.

A cama parecia chamar Iran de volta. A cabeça pesava. O café não despertava. Mas nada disso era suficiente. Bastava pensar nas alvas costas largas do jovem modelo, na pequena lordose que tinha na coluna, no ombro esquerdo levemente mais baixo que o direito, bastava pensar que poderia tocar livremente todo aquele oceano alvo de sensações como quisesse, enquanto quisesse. Não se importava com a técnica, ou com os resultados, Iran sempre estivera mais interessado na sua própria satisfação. E como ele amava as costas! Até gostava de massagear todo o resto que era necessário para uma boa massagem, mas o desejo maior, a força motor, o horizonte simbólico de cada passo era seu apreço por costas.

A manhã fora toda dedicada àquele cliente especial. Ninguém nunca reclamava quando a sessão demorava mais do que o normal. Iran também sabia disso. Com o tempo, com a clientela crescendo, o massagista foi ficando mais seletivo. Parou de ir à casa de qualquer um. Já não era mais verdade que ia de porta em porta. Escolhia bem as portas, embora ainda fossem muitas. Conhecia a cidade como a palma da mão. Sabia exatamente em quais casas havia costas que valiam a pena, sabia quais clientes diriam sim, e quais diriam “hoje não, obrigado”. Detestava ir a casas em que havia uma pessoa de costas belas e outra de costas feias. A de costas feias sempre queria uma massagem, enquanto a outra, raramente. E ele não tinha como manifestar sua vontade seletiva, não tinha como dizer não pras costas feias, pois estava ali como um massagista, um profissional, e soaria muito estranho se ele dissesse que só queria massagear a outra pessoa.

O hábito de procurar a massagem como terapia ainda não é muito comum no Brasil, ele sempre dizia. A maioria dos clientes aceitava a oferta apenas pra “relaxar” mesmo. E, de certa forma, ele mesmo tinha também intenções não-convencionais. Então, estava tudo certo. E Iran nunca teve nenhum problema ético com isso. Era centrado demais em seus desejos pra ter problemas com ética, em qualquer âmbito que fosse.

X. O Judoca

Iran tinha até um ranking das costas mais belas de Santa Cecília. O cliente daquela manhã, o modelo, era um dos top 20. E, quanto mais no topo da lista estava uma pessoa, mais chata ela era. Chatice no sentido de soberba, de saberem o quão belas são. Terrível constatação à qual chegou. O número 1, ah, o número 1! Um judoca convencido, que ganhara um campeonato estadual por aí quando era adolescente, e vivia se gabando de tudo desde então. Acostumado a ser admirado, parece que ele sacou de cara o grande interesse de Iran em suas costas. Tanto sacou que começou a torturá-lo.

Uma tia do judoca era cliente antiga de Iran. Foi na casa dela o primeiro contato. O rapaz chegou junto com o massagista na recepção do prédio. Chegou suado, sem camisa, o calor estava de matar. Ou era Iran que estava queimando por dentro. Entraram juntos no elevador. O espelho tornava tudo duplamente desejável. E Iran procurou puxar assunto, já que, para regozijo do massagista, ambos subiam para o mesmo andar.

- Que calor, hein? Dá pra fritar um ovo no asfalto.

- Que nada, tio. A galinha já bota o ovo cozido.

Iran entrou no apartamento da tia do rapaz pensando em quão doloroso ia ser massageá-la sabendo que tão próximo havia costas tão perfeitas. Mas o que podia fazer, a não ser aceitar seu fado? A apática massagem começou. A mulher foi falando e falando, das dores, do stress, do clima, da novela das nove, do sobrinho.

- É, o que entrou com você! Coitado! Machucou o ombro numa luta. Vai ter de ficar quatro meses sem lutar. Bem que você podia dar uma olhada, né?

Iran já estava calejado naquela vida de surpresas, de não saber o que esperava por ele na próxima esquina, de lidar com o imprevisto. Mas nem toda essa experiência foi suficiente para evitar que suas mãos e lábios tremessem e que a ansiedade tomasse conta dele enquanto a tia sumia lentamente do quarto indo chamar o sobrinho.

O judoca entrou no quarto com ar contrariado, era aquele tipo de pessoa sempre com cara de saco cheio. Mas agora era tarde, nada no mundo impediria que Iran tocasse aquele ombro nu, carnudo, vistoso. Momentos assim lhe eram sublimes ao extremo: os tensos instantes constrangedores que precedem o contato físico entre dois corpos que jamais se tocaram antes.

Ombro deslocado. Já havia sido posto no lugar. Mas aquela contusão nem era o que lhe interessava. Ossos firmes. Ah, que clavícula! Sem aqueles músculos artificiais de garotos de academia. Tudo muito bem definido. Com exercícios de verdade. E tudo muito bem disposto. Sem nada demais. Sem nada de menos. Simplesmente, único. As imperfeições mais perfeitas que o massagista encontrara.

Mas foi só Iran começar a migrar a mão do ombro direito para o esquerdo que rapaz perdeu a paciência. Levantou na hora. Disse que seu ortopedista já tinha recomendado a fisioterapia adequada. Iran argumentou que a massoterapia também poderia ajudar, mas o judoca foi implacável, disse que não precisava, agradeceu mecanicamente, quase grosseiramente, e já foi dando as costas, e levando-as embora do horizonte alcançável.

Mas Iran não era do tipo que se dá por vencido tão facilmente. Conseguiu o endereço do rapaz com a tia. E, de tempos em tempos, ia com sua maleta até à casa do judoca oferecer os seus

serviços. E então a já citada tortura começou. O judoca fazia questão de ir até o portão atendê-lo. Pra dizer que não. Que não queria, que não precisava, que não estava disposto. Ia sempre sem camisa, e com um sorriso sádico. Fazia-se de inocente, dizia que aquele dia não, mas que era pro massagista voltar mais pra frente. Quem sabe da outra vez? E voltava lentamente pra dentro de casa, de costas para o massagista, prolongando a tortura de ver e não poder tocar.

Iran sabia que cada vez que voltasse lá seria a mesma coisa, o mesmo jogo, a mesma tortura tácita. Mas não conseguiria viver sem isso. Precisava disso mais do que qualquer outra coisa. E sabia que, mais dia, menos dia, o venceria pelo cansaço.

XI. O Massagista

- Você?

- Eu já sei de tudo.

- É? E daí?

- Como assim "e daí"? Eu sei de tudo, das suas atividades secretas de sair por aí fazendo massagem nas pessoas!

- É, o Sydney me ligou e disse que você esteve lá. Sabe, ele é um rapaz muito esperto. Percebeu rapidinho quem era o inoportuno da história. Talvez por isso ele tenha me contado que você já era cliente antigo dele.

- Isso não vem ao caso! Não sou eu que estou em xeque agora.

- E por que deveria ser eu?

- Por quê? Essa é boa! Porque você sai como um maluco de porta em porta, com sua maleta secreta, oferecendo serviços de massagista pras pessoas. O que você é? Algum tipo de psicopata, um tarado por costas?

- Ei, calma aí! Não há nada de imoral ou ilegal nisso. E, pelo que lembro, não te devo satisfação alguma da minha vida!

- Não tem medo de que eu vá ao seu trabalho e conte pra todos os seus conhecidos sobre suas atividades secretas de fim de semana?

- Oh, seria uma catástrofe sem antecedentes! Se quase todos não fossem clientes meus. Seu babaca, acorda! Eu não faço nada às escondidas. Por que faria? Quem é cheio de segredinhos aqui é você. Sua esposa sabe de seus encontros com um garoto de programa? E quem passa os fins de semana fazendo coisas de psicopata é você, me seguindo por aí. Não tem mais o que fazer não, cara?

Maurício reconheceu naquele momento que Iran tinha razão, e o pior de tudo é que deixou que essa constatação transparecesse em seus olhos. E sentiu-se tão humilhado diante do massagista como nunca se sentira antes na vida. Abaixou a crista, os olhos, as armas, os ânimos. Quase cedendo ao nó na garganta, disse que aquela história toda tinha mexido com ele, que só queria conversar, mesmo que não sobre aquele assunto.

Iran, apunhalado por um sentimentalismo que não sabia controlar, convidou Maurício para entrar. O fisioterapeuta explicou tudo desde o início. Preencheu as lacunas de insensatez com desculpas esfarrapadas, porém racionais. E, agora que tudo tinha chegado naquele ponto, só queria entender algumas coisas.

- Ah, sim. Eu sou massoterapeuta formado. Mas não posso abrir uma casa de massagem, nem nenhum tipo de negócio, pois professores de universidades federais precisam ter dedicação exclusiva à universidade. Logo, isso tem de ser uma atividade informal. E é até melhor, sabe? Se um dia eu não quiser ir dar aula, bem, terei de ir mesmo assim, pois é meu trabalho, e serei penalizado se não for. Então, não é algo que faço por prazer, mas sim por obrigação, ou segurança. Todos precisam de segurança, não é? E, deste modo inusual que encontrei de conciliar minhas atividades, o meu tesão pela coisa que mais gosto de fazer continua intacto. Se eu acordar sem vontade de fazer uma massagem um dia desses, eu simplesmente não vou. E essa liberdade não tem preço.

E Iran suspirou, inspirado. Agora, acompanhado.

- Sabe, eu sempre soube que queria trabalhar, de alguma forma, com o corpo humano. Mas fazer anatomia no primeiro ano de medicina me fez ver que a beleza que tanto me encantava era externa. Por dentro, eu tinha um asco do corpo inversamente proporcional ao prazer que tinha ao vê-lo por fora. E foi então que optei pela matemática. Olhando pelo ângulo certo, aprecio números e corpos de forma muito parecida. A ambos, as pessoas associam adjetivos simplistas. Ciência exata. Máquina perfeita. Mas eu vejo além. Na sintaxe de formação de uma dízima periódica, ou na assimetria de uma escoliose. Cada costela, cada tendão, cada fecho nervoso, cada nódulo, tudo faz parte do balanceamento estável de sistema complexo de imperfeições. Tocar um ombro teso e ter a tarefa de relaxá-lo, de devolvê-lo a sua condição natural, não é muito diferente de resolver um sistema de equações de muitas variáveis. E quase nunca a resposta final é o mais importante. Na maior parte das vezes, o desenvolvimento das atividades já faz a vida valer a pena.

XII. O Estilista

Jordana não se opôs muito a assinar os papéis da separação. Ainda mais porque a urgência do ex-marido o fez propor um acordo que era um negócio da china pra ela. Ele ficaria com o carro, ela com a casa, os filhos e uma boa pensão. Da casa, Maurício só levou lembranças mornas, suas roupas e pertences pessoais, e os cadernos nos quais desenhava os modelos de roupa que nunca mostrara a ninguém. Venderia o carro e investiria tudo pra abrir sua própria grife.

- Estilista, meu bom amigo? Logo estilista? Não era melhor dizer que vai ser empresário, que vai abrir uma loja de roupas? Eu até entendo que esteja cansado dessa coisa toda de personal trainer, mas estilista? Isso é estereotipado demais.

- Ora, Seu Tomé, justo o senhor, que sempre discursou com tanta propriedade sobre a verdadeira visão das coisas, se o senhor não conseguir enxergar um indivíduo singular através dessa casca chamada estereótipo, então eu estou fudido mesmo.

- Não me interprete mal, meu amigo. Não estou te julgando. Já disse que te entendo. Só o que não me agrada é esse nome: estilista. Parece um clichê de escritor sem criatividade ao dar uma profissão para um personagem homossexual. Temo pelo que vão falar de você por aí.

- Quer saber? Não me importo mais. Cheguei numa fase da minha vida em que quero dar os nomes certos às coisas. Sabe, velho amigo, a vida não é um jogo de xadrez, em que cada pecinha tem seu papel pré-definido. E eu... bem, eu cansei de andar apenas nas diagonais. Quero encarar de frente agora.

E, depois da separação, não é que Maurício e Jordana voltaram a ter as velhas longas conversas, movidas a cafeína e nicotina, da época em que se conheceram na faculdade? Como íntimos amigos, assim como antes da insensatez de se casarem.

- Vai, assume que você tem outra.

- Eu já disse que não, Jordana! Não foi por isso...

- Pode falar, eu não me importo. No fundo, eu já sabia. Só quero ouvir da sua boca.

- Não vamos brigar agora, depois que já fizemos a pior parte de modo civilizado, ok?

- Mas não vamos brigar por isso. Só queria que você admitisse. Você saiu de casa pra morar com outra mulher, não foi?

- Bem, sim... de certa forma.